

# Senado é escola até para veteranos

27 FEV 1995

Geraldo Magela

RENATA GIRALDI

Parece uma escola na primeira semana de aula. Em sua estréia no Senado, as velhas raposas da política nacional, como os ex-governadores, o ex-diretor geral da Polícia Federal e ex-ministros não conseguiram conter a animação dos calouros. "Para mim, isso tudo é uma grande escola, com aprendizado permanente", definiu o senador Romeu Tuma (PL/SP). Ele não faltou sequer a uma sessão e defendeu a necessidade de um novo sistema de trabalho que agilize o Senado. O presidente da Casa, José Sarney (PMDB/AP), estreou no novo cargo com pulso firme no controle de tempo dos oradores e com o regimento na ponta da língua. Para evitar tropeços nas questões de ordem, conta com a assessoria do secretário-geral da Mesa, Raimundo Carreiro.

Alguns discursos, poucos projetos e muitas reivindicações — a maioria reclamando do processo de edição das medidas provisórias — marcaram os primeiros dias de plenário. Como no início das aulas, os "alunos" aproveitaram o tempo mais para se conhecerem do que para "estudar". Embora os senadores Darcy Ribeiro (PDT/RJ) e Marina Silva (PT/AC) tenham se utilizado da ocasião para agradecer a oportunidade de estar no Congresso. Darcy emocionou pelo vigor, mesmo depois de um tratamento quimioterápico e do desgaste causado por ele, e Marina chamou a atenção por um pronunciamento forte e crítico, onde não poupou estocadas no colega Antônio Carlos Magalhães (PFL/BA).

**Ex-governadores** — O senador Antônio Carlos Magalhães, por sua vez abandonou nestes primeiros dias de Congresso o estilo "bateu levou", talvez por ter se empenhado em ganhar um outro título, o do "rei dos bastidores". O ex-governador baiano passou sessões inteiras em longos e inter-



O veterano Sarney quer mudar a imagem da Casa e o novato Romeu Tuma não perde uma sessão

mináveis bate-papos, ora com um, ora com outro. Nem a senadora Emília Fernandes (PTB/RS) escapou. Enquanto a senadora gaúcha estava sozinha, Antônio Carlos Magalhães se esforçou para fazer companhia para ela, sentando-se ao seu lado e explicando sobre os tramites da Casa. Única ocasião que ACM foi abandonado pelos companheiros baianos, Josaphat Marinho (PFL) e Waldeck Ornelas (PFL).

Ao contrário do ex-governador baiano, o ex-governador do Paraná, Roberto Requião (PMDB), não poupou palavras para criticar o que discordava. "A minha proposta é para limitar a edição de MPs, senão nós não teremos como trabalhar", reclamou diversas vezes. Um outro ex-governador — de Goiás — Íris Rezende (PMDB), preferiu os velhos companheiros goianos — Onofre Quinan e Mauro Miranda, ambos do PMDB — ao invés de ocupar a tribuna. Íris seguiu os passos de Antônio Carlos Magalhães, optando pelas conversas de

pé de ouvido. O mesmo fez o ex-governador de Santa Catarina, Wilson Kleinubing (PFL) que não discursou, mas manteve-se atento às conversas paralelas surgidas durante as sessões.

**Novos** — Cauteloso como quem chega num lugar desconhecido, os senadores com primeiro mandato mais parecem peixes fora d'água. O senador José Roberto Arruda (PP/DF) estuda cuidadosamente o colega antes de se aproximar dele, embora o companheiro Valmir Campelo (PTB/DF), com a experiência de quem já passou quatro anos na Casa, tenta facilitar os caminhos para o novato. Arruda sorri e prefere circular no plenário. "O que eu quero mesmo é ser um bom senador, embora eu perceba que quem quiser trabalhar aqui consegue, quem não quiser não encontra obstáculos", observou. A prudência também é a arma da petista Benedita da Silva (RJ).

O comportamento em Plenário surpreende, quando adversários sentam-se lado a lado para

uma boa conversa. Como foi o caso de Arruda e Lauro Campos (PT/DF), que passaram longos minutos trocando opiniões. O inesperado também acontece em uma sessão do Senado, quando adversários ideológicos se cumprimentam na maior naturalidade. Um desses fatos aconteceu quando Marina Silva cutucou, da tribuna, o senador Antônio Carlos Magalhães ao dizer que "as disputas aqui se dão entre os que querem ser amigos do rei e os que querem ser donos do rei" — numa alusão ao fato de ACM ter dito que era o responsável pela eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. ACM, em seguida ao pronunciamento de Marina, levantou e cumprimentou-a.

Assim, em meio às novas luzes do Senado, os veteranos ficaram ofuscados nos últimos dias. Oradores assíduos, como os senadores Esperidião Amin (PPR/SC) e Eduardo Suplicy (PT/SP) perderam, pelo menos por ora, os refletores para os que estão chegando ao Plenário.